

A NECRÓPOLE ROMANA DA ROUCA (ALANDROAL, ÉVORA)

Mónica S. ROLO¹

RESUMO

O estudo da necrópole romana da Rouca (concelho do Alandroal, distrito de Évora) pretende ser mais um contributo para o conhecimento do mundo funerário romano no território actualmente Alentejano. O espólio atribuído a esta necrópole compõe a Colecção 0156 do Museu Nacional de Arqueologia, e desde logo se revelaram evidentes as fragilidades e limitações que certamente terão justificado que este conjunto de materiais tenha permanecido durante tão longo tempo sem ser estudado. Trata-se de uma necrópole de incineração escavada em 1905 sob a orientação de J. Leite de Vasconcelos, director do então Museu Etnológico Português. A ausência de registos documentais conhecidos sobre os trabalhos de escavação coloca-nos inúmeras limitações ao actual conhecimento sobre o que terá sido efectivamente a realidade arqueológica da Rouca. Com base na análise dos materiais com contexto de sepultura devidamente conhecido, propusemo-nos a caracterizar este espaço funerário, definir os limites cronológicos da respectiva diacronia de utilização, e conhecer o contexto sociocultural subjacente. Constituíram objecto do nosso estudo as cerâmicas finas (*terra sigillata*, cerâmica de paredes finas, lucernas), a cerâmica comum, e os vidros, atribuídos a 29 das cerca de 41 sepulturas que terão composto a necrópole da Rouca, e duas placas funerárias (uma epigrafada e outra anepígrafa) atribuídas à necrópole mas sem contexto de sepultura conhecido. O estudo dos conjuntos funerários permitiu constatar o enquadramento da necrópole da Rouca no panorama arqueológico do mundo funerário romano conhecido para o actual território Norte Alentejano, e distinguir dois momentos fundamentais de utilização da mesma: um momento atribuído à segunda metade do séc. I d.C. – inícios/ meados do séc. II, comum à maioria dos conjuntos datáveis; e um momento posterior, datável a partir da segunda metade do séc. III d.C., e eventualmente meados do séc. IV, documentado pela presença de *sigillata* clara em três dos conjuntos estudados.

Palavras chave: Alto Alentejo, necrópole romana, espólio funerário.

ABSTRACT

The study of the Roman necropolis of Rouca (Alandroal, Évora, Portugal) intends to be a further input for the

knowledge of the roman funerary evidence known in the region of Alentejo (Portugal). The archaeological remains attributed to the necropolis of Rouca compose Collection 0156 of the Museu Nacional de Arqueologia (Lisbon, Portugal), and various limitations have certainly justified that this set of materials has remained without being studied for such a long time. This incineration necropolis was excavated during 1905 under the guidance of J. Leite de Vasconcelos, and the absence of field data about the excavation works and the archaeological remains collected difficults and limits our current knowledge about this archaeological site. Based on the analysis of the artifacts with context of grave properly known (182 items distributed for 29 graves, and two funerary plaques), we have proposed to characterize this necropolis, to define the chronological limits of its use, and to understand its socio-cultural context. At the present paper we present the results of our study on the fine-ware pottery (*sigillata*, pottery of fine walls, lamps), the common-ware pottery and the glasses, attributed to the several graves of Rouca, and two funerary plaques (one with a funerary epigraph, referring to *Iulia Quintilla*, and the other without any inscription) also attributed to this necropolis but without any information about their original grave context. The other remains – metal, ecofacts and lithic material – attributed to the necropolis of Rouca, and also included in Collection 0156 of Museu Nacional de Arqueologia, were not studied. The main group of the set studied is composed by common-ware pottery, which because of its morpho-technological characteristics, is easily related to the common-ware pottery produced and difused during the Roman period in the area of North Alentejo. The analysis of the funerary sets from Rouca has led us to two main inferences: on one hand, it has become evident that the archaeological evidence of Rouca is related to the archaeological evidence of Roman funerary practices known in the area of North Alentejo; and, on the other hand, it is possible to distinguish two basic moments of use of this funerary site – one datable to the second half of the first century A.D. until the second century, common to most of the studied sets (15 funerary contexts); and a subsequent moment, datable to the second half of the third century A.D., and eventually fourth century, attested by the presence of African *sigillata* in three of the funerary sets of Rouca – graves 6, 30, e 34. As it is not known if the necropolis has been totally excavated or only partially, it is difficult to determine if this diachrony of use has corresponded to two different phases of burials separated by a moment of absence of depositions, or, on the contrary, to a continuous use of that funerary site. The study of these materials also revealed the significant degree of knowledge and assimilation of Roman culture on the part of the community that has used Rouca as a funerary place.

Keywords: Alandroal, roman necropolis, funerary assemblage.

¹ Bolseira de Doutoramento FCT – SRFH/ BD/ 77562/ 2011
UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
monicasrolo@gmail.com

O estudo da necrópole romana da Rouca (concelho do Alandroal, distrito de Évora), realizado no âmbito do Mestrado em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a orientação do Prof. Doutor Carlos Fabião, pretende ser mais um contributo para o conhecimento do mundo funerário romano no território actualmente alentejano. O espólio atribuído a esta necrópole compõe a Colecção 0156 do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), e desde logo se revelaram evidentes as fragilidades e limitações que certamente terão justificado que este conjunto de materiais tenha permanecido durante tão longo tempo sem ser estudado.

O sítio arqueológico da Rouca (CNS 4902) situa-se em pleno concelho do Alandroal, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, integrando o designado «Alentejo Central» conforme entendido por CALADO (2001, pp. 17). De acordo com a localização proposta mas não confirmada (CALADO, 1993, pp. 36), este arqueossítio insere-se actualmente numa paisagem de povoamento rural disperso, ocupando uma colina de pequeno declive, com terrenos de natureza xistosa e fraca aptidão agrícola. Apesar da visita ao local não permitir uma confirmação inequívoca da localização do sítio da necrópole romana da Rouca, a localização proposta afigura-se-nos verosímil, considerando que o sítio assinalado parece enquadrar-se no perfil das características das necrópoles rurais romanas (FRADE & CAETANO, 2004, pp. 146). Trata-se de uma necrópole de incineração escavada no decurso do ano de 1905, sob a orientação de J. Leite de Vasconcellos, director do então Museu Etnológico Português. A única, e mais extensa, descrição conhecida referente a esta necrópole deve-se ao próprio J. Leite de Vasconcellos na sua obra *Religiões da Lusitânia*:

“No cemitério da Rouca (sec. I ou II) havia varias especies de sepulturas (orientação Norte-Sul): uma aberta inteiramente em rocha (lousa), outras abertas em rocha, mas completadas com paredes (fiadas de pedras disposta horizontalmente), outras formadas de lages verticaes; as tampas constavam de lages ou tégulas” (VASCONCELLOS, 1913, III, pp. 371-372). Ainda na mesma obra, o autor identifica a incineração como o rito funerário praticado nesta necrópole romana (VASCONCELLOS, 1913, III, pp. 370).

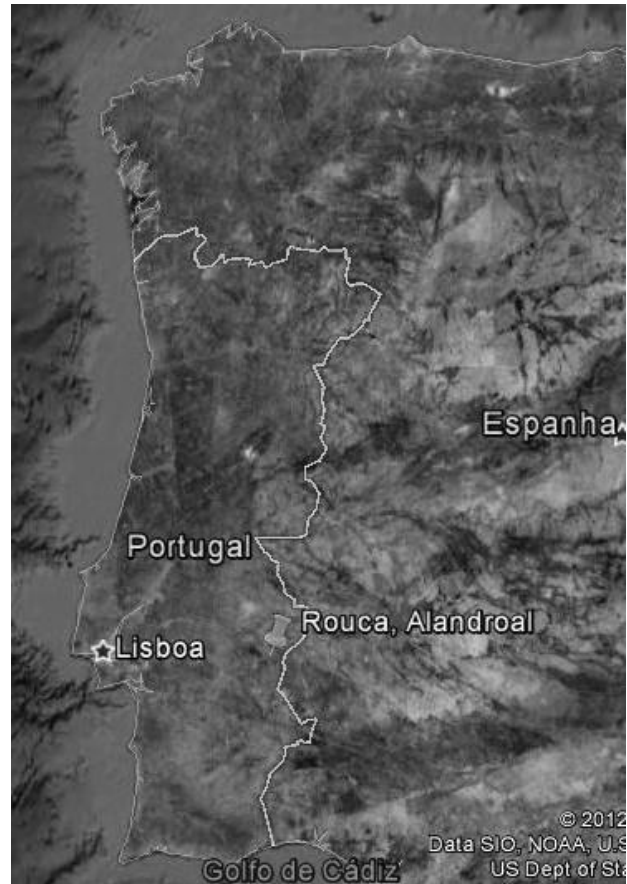


Figura 1 - Localização geográfica do sítio da Rouca (Alandroal, Évora).



Figura 2 - Localização do sítio da necrópole da Rouca na CMP (1: 25 000) nº 241 - Juromenha (Alandroal), de acordo com CALADO (1993, pp. 36).



Figura 3 - Vista parcial da provável área de implantação da necrópole da Rouca. (Foto da autora)

Uma das particularidades, e, a nosso ver, a principal condicionante, do estudo da necrópole da Rouca prende-se com a escassez de fontes documentais conhecidas sobre os trabalhos de escavação aí realizados, o espólio recolhido e as práticas funerárias associadas. Lamentavelmente, até à data, as únicas informações concretas de que dispomos relativamente a este sítio arqueológico e respectivo espólio resumem-se a brevíssimas referências na obra de J. Leite de Vasconcellos (1913, III; 1915; 1927, II) e em três volumes da publicação *O Archeologo Português* (CHAVES, 1914; MACHADO, 1920; 1964), e ainda em parca documentação avulsa que integra o Legado Pessoal de J. Leite de Vasconcellos, constante do Acervo Documental do Museu Nacional de Arqueologia. Apesar de termos conhecimento da efectiva elaboração de registos por parte J. Leite de Vasconcellos sobre os trabalhos de escavação da necrópole da Rouca (Acervo Documental do MNA: BEAUMONT, 1958, pp. 2-3), desconhece-se o actual paradeiro dos mesmos, facto que condiciona irremediavelmente o actual conhecimento sobre o que terá sido a realidade arqueológica desta necrópole, designadamente no que se refere às múltiplas variáveis do registo arqueológico funerário (ritos e práticas subjacentes, organização espacial, arquitectura tumular, organização e distribuição do espólio, «continuidades» e «rupturas» na utilização do espaço, e eventual associação a outro tipo de estruturas, como, por exemplo, estruturas de habitat).

Das cerca de 41 sepulturas atribuídas a esta necrópole (Acervo Documental do MNA: BEAUMONT, 1958, pp. 2-3), resultou a recolha de abundante e variado espólio que, em data indeterminada, incorporou o acervo da instituição museológica então dirigida por J. Leite de Vasconcellos. O conjunto de materiais em questão é composto por espólio cerâmico diverso (*Terra Sigillata*, cerâmica de paredes finas, lucernas, cerâmica comum e cerâmica de construção), vidros, metais, um fragmento de *opus tessellatum*, material lítico, material osteológico e antropológico, amostras de sedimento, e duas placas funerárias. As graves lacunas verificadas ao nível da identificação das peças e/ou respectivo contexto de achado, facto em grande parte relacionado com a desarticulação entre as informações constantes dos diferentes registos de inventário, justificou a opção metodológica de circunscrever o estudo aos materiais com número de inventário e contexto de sepultura conhecidos. Privilegiou-se pois a associação espólio/contexto de sepultura, e a reconstituição e análise dos conjuntos funerários, tendo-se centrado a nossa atenção no estudo das cerâmicas e vidros, quer pela sua representatividade no conjunto da amostra, quer pelo seu potencial como elementos datantes. Procedeu-se ao estudo de 184 itens (incluindo as duas placas funerárias, sem contexto de sepultura atribuído), distribuídos por 29 do total de cerca de 41 enterramentos que terão composto (parcial ou integralmente) o espaço funerário da Rouca.

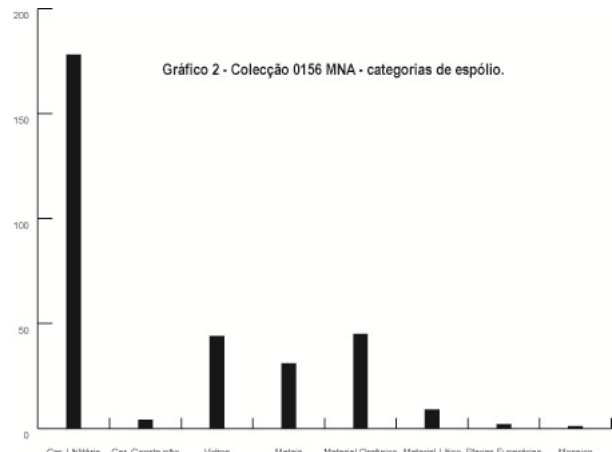


Gráfico 1 - Coleção 0156 MNA - categorias de espólio.

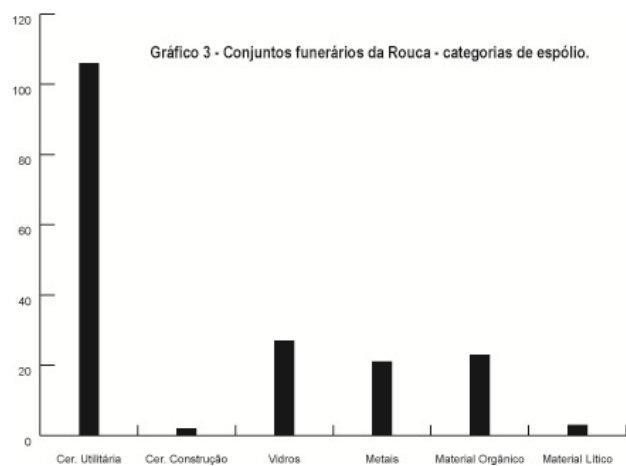


Gráfico 2 - Conjuntos funerários da Rouca - categorias de espólio.

O grupo mais significativo da totalidade do material arqueológico analisado corresponde à **cerâmica comum**, constituindo cerca de 38% da globalidade da amostra estudada, e cerca de 65% (70 itens) do conjunto de material exclusivamente cerâmico. Da análise da cerâmica comum dos conjuntos funerários da Rouca resultou a noção fundamental da sua plena integração no panorama tecnológico da produção oleira alto-alentejana (PINTO, 2003, pp. 606) durante a época romana, quer pelas formas representadas (formas características da tradição local, como por exemplo, as bilhas em forma de falsa cabaça – bilhas tipo I da Rouca, as garrafas de bojo cilíndrico – garrafas tipo I da Rouca, os púcaros de duas asas com perfis carenados – púcaros tipo I da Rouca, ou os chamados «potinhos alentejanos» – potes tipo I da Rouca), comuns entre o espólio das necrópoles romanas alto-alentejanas (NOLEN, 1985; 1995-1997), necrópole de Santo André (VIEGAS ET AL., 1981), ou São Cucufate (PINTO, 2003); quer pela evidente preferência por produções locais/ regionais, conforme se atesta pelo predomínio do uso de pastas derivadas de barros residuais e com abundante quantidade de minerais ferromagnesianos (pastas A, B, e C da Rouca, correspondentes a cerca de 83% da amostra). A nossa análise permitiu a distinção de 4 grupos de fabrico, três dos quais parecem tratar-se efectivamente de produções locais/ regionais (associados às referidas pastas A, B, C, e

a uma pasta cinzenta fina, utilizada na produção dos «potinhos alentejanos») e a formas típicas da tradição oleira local; e um quarto grupo de fabrico, correspondente à nossa pasta D (14% da amostra), aparentemente associado a «importações emeritenses» (representadas por formas como os púcaros de bojo troncocónico com aplicação de aguada de coloração vermelha – púcaros tipo II da Rouca, ou as bilhas piriformes e com bordo em L – bilhas tipo V da Rouca). De assinalar ainda que algumas das peças que integram o conjunto de cerâmica comum estudado indiciam, pelas respectivas características formais e pela escassez de paralelos documentados, a persistência da influência do substrato indígena e da tradição cerâmica pré-romana, documentada pelos exemplos dos nossos potes de tipo III (perfil sinuoso) e tipo IV (perfil troncocónico), púcaros de tipo III (colo alto com dobra, bordo vertical, pintura a branco), e bilhas de tipo IV (bojo elipsoidal, colo alto e duas asas, pintura a branco). O conjunto da cerâmica comum da Rouca remete-nos para um horizonte cronológico compreendido sensivelmente entre meados/segunda metade do séc. I d.C. e o séc. III d.C., predominando contudo formas datáveis da segunda metade do séc. I – inícios/ meados do séc. II d.C.. As conjugações de formas mais comuns registadas nos conjuntos funerários da necrópole da Rouca correspondem aos conjuntos bilha/ tigela, ou tigela/ prato, frequentemente associados a potes.

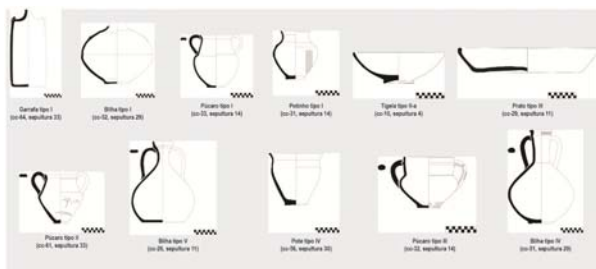


Figura 4 - Cerâmica comum dos conjuntos funerários da Rouca - alguns dos principais tipos formais identificados.

No que diz respeito à amostra de *Terra Sigillata* estudada – 21 itens distribuídos por 9 sepulturas, esta revelou-se um conjunto bastante homogéneo, tendo-se identificado a quase totalidade (18 itens) como produção hispânica, de características genericamente atribuíveis ao centro oleiro de *Tritium Magallum*. Constatou-se um claro predomínio das formas lisas de *sigillata* hispânica alto imperial, assumindo particular expressividade numérica as taças Drag. 27 (representadas por 5 exemplares), seguidas das taças Drag. 46 e dos pratos Drag.15/17 (formas representadas por 4 e 3 exemplares respectivamente). Encontram-se igualmente documentadas as formas Drag. 35 e 36, Drag. 17, e Drag. 29. Relativamente a esta última, o único exemplar de que se dispõe destaca-se pelo esquema decorativo do bojo, sem paralelos identificados, mas perfeitamente enquadrável no estilo metopado característico da época Flávia (ROCA ROUMENS & FERNÁNDEZ GARCÍA, 2005, pp. 192). No que respeita à identificação de eventuais «serviços», verificou-se a associação da taça Drag. 27/ prato Drag. 15/17 nos

conjuntos funerários das sepulturas 4 e 29, a associação da taça Drag. 46/ prato Drag. 17 no conjunto da sepultura 16, e ainda a associação da taça Drag. 35/ prato Drag. 36 no conjunto funerário da sepultura 14. Entre as marcas de oleiro identificadas (cerca de 48% do conjunto de *sigillata* estudado, isto é, 10 peças, apresentam marca de oleiro identificável, mais ou menos legível, e nalguns casos de muito difícil reconstituição e atribuição) destacamos a significativa representatividade (e inequívoca identificação) de produtos atribuídos ao oleiro hispânico *MICCIO*. Este oleiro, que deverá ter desenvolvido a sua actividade no centro de produção de Trício (MAYET, 1984, pp. 152-154 e 233; ROCA ROUMENS & FERNÁNDEZ GARCÍA, 1999, pp. 112-113), entre a segunda metade do séc. I e inícios do séc. II d.C., encontra-se devidamente identificado nos quatro exemplares da forma Drag. 46 atribuídos às sepulturas 15 e 16 da Rouca. De um modo geral, atendendo à caracterização tipológico-formal das peças, bem como à associação entre si nos conjuntos funerários da Rouca, o conjunto de *Terra Sigillata* Hispânica disponível sugere um horizonte cronológico compreendido, grosso modo, entre meados/ segunda metade do séc. I d.C. e o séc. II d.C.. A partir do séc. III d.C. ter-se-á registado a importação de produtos norte-africanos, documentados por cerca de 14% (3 itens) da amostra estudada. As produções africanas de *sigillata* clara A, A/D, e C encontram-se representadas por exemplares da forma Hayes 30 ou 32, Hayes 31, e Hayes 50, este último de fabrico enquadrável na fase C2 desta produção africana e apontando portanto para um âmbito cronológico de meados do séc. III a inícios do séc. IV d.C. (ROCA ROUMENS & FERNÁNDEZ GARCÍA, 2005, pp. 237).

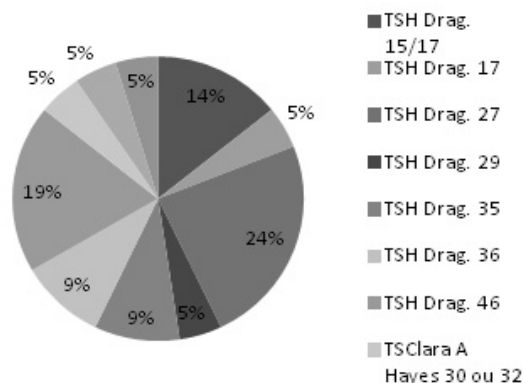


Figura 5 - *Terra Sigillata* dos conjuntos funerários da Rouca.

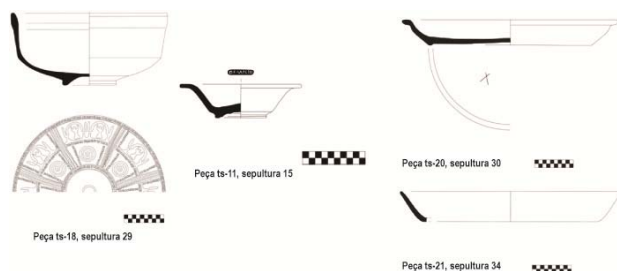


Figura 6- Terra Sigillata dos conjuntos funerários da Rouca - algumas das formas mais representativas.

Relativamente ao conjunto de **cerâmica de paredes finas** estudado – 13 itens distribuídos por 6 sepulturas (das quais se destacam as sepulturas 4 e 14, cujos conjuntos funerários incluem, cada qual, 4 exemplares deste tipo de cerâmica) – atribui-se, com relativa segurança, um fabrico emeritense a cerca de 85% da amostra, enquanto para os restantes 15% (2 itens) se propõe uma provável origem bética ou noutros centros oleiros peninsulares. No que respeita às formas documentadas, regista-se um claro predomínio das taças carenadas de tipo Mayet XLIII (e XLIII A) (MAYET, 1975, pp. 98-108), representadas por 10 itens, e compondo assim cerca de 77% da amostra de paredes finas analisada. A presença das possíveis formas Mayet 634 (MAYET, 1975, pp. 115-116), Mayet XXXVII B ou XXXVIII B (MAYET, 1975, pp. 73, Pl. LIII), e Mayet XX (MAYET, 1975, pp. 55-56), bem como algumas particularidades técnicas que, de um modo geral, ressaltam da análise do conjunto disponível (como por exemplo, a aplicação de engobe em todos os exemplares analisados, a representatividade da decoração com barbotina e guilhoché, e a ausência da decoração de areia), levam-nos a sugerir um *terminus post quem* de finais do reinado de Cláudio-inícios da segunda metade do séc. I d.C. para a produção de paredes finas documentada na necrópole da Rouca.

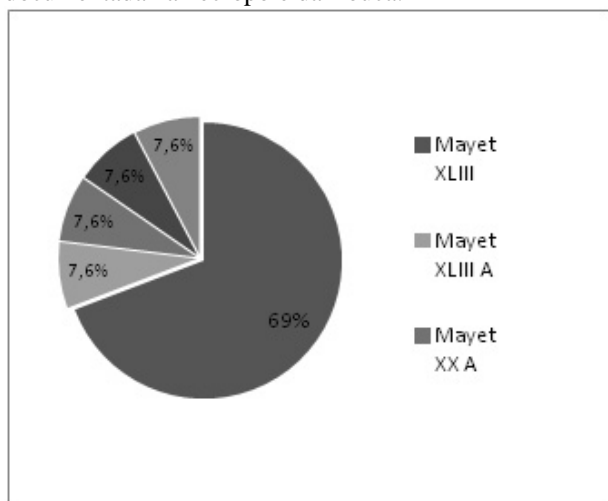


Figura 7 - Paredes Finas dos conjuntos funerários da Rouca.

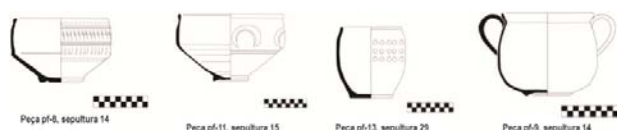


Figura 8 - Cerâmica de paredes finas dos conjuntos funerários da Rouca - algumas das formas mais representativas.

A amostra cerâmica estudada inclui ainda duas **lucernas**, fragmentadas e incompletas, atribuídas aos contextos das sepulturas 18 e 33. O precário estado de conservação dos exemplares, aliado à aparente fraca qualidade do fabrico, condicionaram o estudo das lucernas da Rouca que, ainda assim, parecem poder enquadrar-se, de forma genérica, nos modelos difundidos entre meados do séc. I d.C. – séc. III d.C., bem como no contexto da produção emeritense de lucernas em pastas comuns (ou bastante similares) às utilizadas no fabrico da cerâmica de paredes finas pelos oleiros da antiga capital da província da Lusitânia (RODRÍGUEZ MARTÍN, 2002, pp. 209-210). No caso da lucerna atribuída à sepultura 18, sugere-se uma correspondência com as lucernas cureiformes, e designadamente com os tipos Dressel-Lamboglia 27 ou 28/ Deneauve VIII A ou VIII B/ Loeschcke VIII, remetendo-nos assim para uma cronologia compreendida, grosso modo, entre os séc.s II e III d.C. (ROCA ROUMENS & FERNÁNDEZ GARCÍA, 2005, pp. 427 e 443). No que se refere ao exemplar associado ao contexto da sepultura 33, propõe-se uma correspondência com as lucernas imperiais de volutas de tipos Dressel-Lamboglia 11/ Deneauve VA, ou eventualmente com as variantes asadas e mais tardias dos tipos Dressel-Lamboglia 14 ou 15/ Deneauve VD. O motivo iconográfico identificado no disco – Vitória alada, de frente, sobre *orbis* – parece corroborar as hipóteses propostas e a atribuição de uma cronologia da segunda metade do séc. I d.C. (ROCA ROUMENS & FERNÁNDEZ GARCÍA, 2005, pp. 441), eventualmente extensível aos inícios do séc. II d.C. (RODRÍGUEZ MARTÍN, 2002, pp. 217).

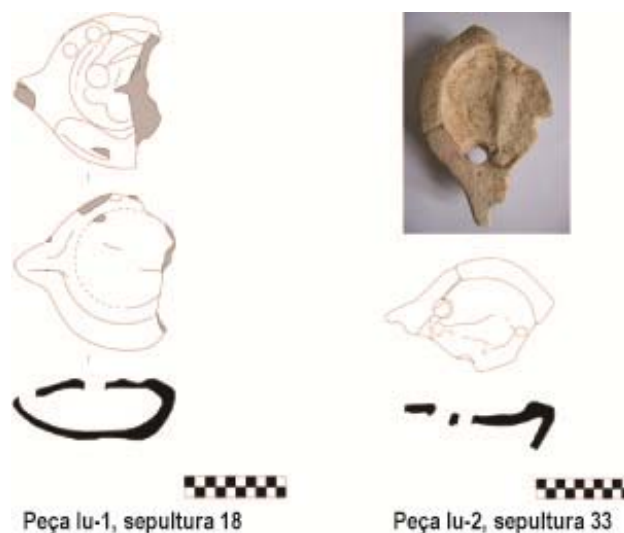


Figura 9 - Lucernas dos conjuntos funerários da Rouca.

Entre o material que compõe a Col. MNA 0156 contabilizaram-se 27 exemplares de **espólio vítreo**, distribuídos por 12 sepulturas, e constituindo assim cerca de 15% da amostra total de espólio estudado. O conjunto de vidros dos conjuntos funerários da Rouca distingue-se pela diversidade de formas passíveis de serem associadas, por um lado, a uma cronologia fundamentalmente alto-imperial (meados/ segunda metade do séc. I – séc. II

d.C.), e, por outro, a hábitos de consumo locais/ regionais reveladores de uma plena assimilação do *modus vivendi* romano. Apesar das limitações impostas pelo precário estado de conservação dos materiais, as taças parecem tratar-se da forma predominante, proposta para cerca de 8 dos exemplares disponíveis, dois dos quais aparentemente identificáveis com o tipo Isings 42-a (ISINGS, 1957, pp. 58). Os copos e unguentários encontram-se igualmente bem representados (por 4 e 3 exemplares, respectivamente), destacando-se, no primeiro caso, a presença das formas Isings 32 e Isings 34, genericamente associadas a cronologias de fabrico e utilização compreendidas entre a segunda metade do séc. I d.C. – séc. IV d.C. (ISINGS, 1957, pp. 46-49). No segundo caso, destacamos as formas Isings 7 e Isings 28-b (ISINGS, 1957, pp. 23 e pp. 42), e no que se refere a esta última chamamos a atenção para o particularismo formal da peça vi-2 (sepultura 3), que não só coloca algumas reservas quanto à respectiva classificação tipológica, como sugere uma provável origem emeritense, uma vez que encontra correspondência no Grupo III dos unguentários de fabrico emeritense, datáveis do séc. II d.C., e que parecem ter constituído uma forma difundida por centros de produção do SE Peninsular (CALDERA DE CASTRO, 1983, pp. 46-48, 67-68). Estão também documentados os frascos de tipo Isings 62 e Isings 68 (ISINGS, 1957, pp. 81, 88-89), um prato de tipo Isings 47 (ISINGS, 1957, pp. 62), e ainda uma garrafa quadrangular de tipo Isings 50-a (ISINGS, 1957, pp. 63-65), conjunto de formas genericamente enquadráveis num âmbito cronológico de meados/ segunda metade do séc. I d.C. - séc.s II/ III d.C.. A garrafa quadrangular atribuída à sepultura 13 (?) da Rouca (peça com paradeiro actual desconhecido) apresentaria a marca nominal «LLF» na base, com paralelos identificados no território da antiga província da Lusitânia e Noroeste Peninsular (ALARCÃO, 1975; ALARCÃO & ALARCÃO, 1967; ALARCÃO ET AL., 1976; CRUZ, 2009). Para o único jarro que integra a amostra estudada, atribuído à sepultura 16, não foi possível identificar paralelos formais exactos ou apurar a respectiva tipologia; contudo, a decoração do bojo, com a aplicação de fios de vidro enrolados em espiral, parece remeter-nos para um âmbito cronológico de finais do séc. I d.C. – primeira metade do séc. II d.C. (VIEGAS ET AL., 1981, pp. 40).

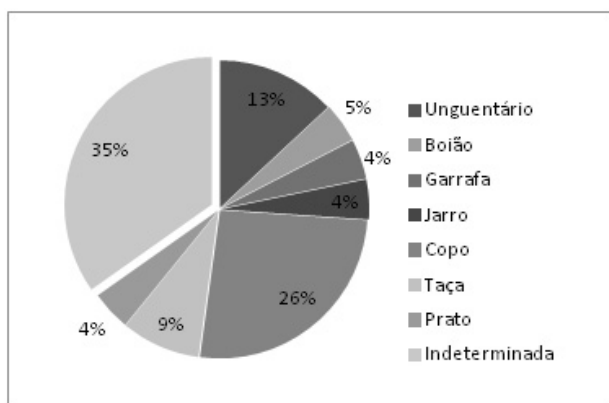


Figura 10 - Vidros dos conjuntos funerários da Rouca.

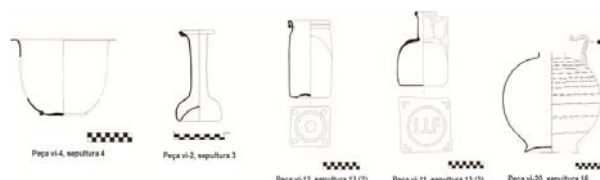


Figura 11 - Vidros dos conjuntos funerários da Rouca - algumas das formas mais representativas.

Igualmente atribuídas à necrópole da Rouca (ainda que sem contexto de sepultura conhecido), dispomos de duas **placas funerárias** molduradas, ambas em mármore branco do tipo Estremoz/ Vila Viçosa, que parecem enquadrar-se, em termos morfológicos e textuais, no panorama da epigrafia funerária romana do termo do actual concelho de Elvas (ENCARNAÇÃO, 1995, pp. 261; 1998, pp. 81). Apenas uma das placas apresenta inscrição (E 6338 MNA), não sendo possível determinar no caso da segunda placa (E 6339 MNA) se alguma vez terá chegado a ser epigrafada ou não (ENCARNAÇÃO, 1984, vol. II, pp. 535). A leitura proposta para a epígrafe da Rouca (ENCARNAÇÃO, 1984, vol. II, pp. 535, nº 454) coloca-nos perante o epitáfio de, pelo menos, um indivíduo, do sexo feminino – *Iulia Quintilla* (?), revelando uma onomástica latina, e designadamente o gentílico imperial *Iulius*, bastante bem documentado no território da antiga província da Lusitânia (NAVARRO CABALLERO & RAMÍREZ SÁBADA, 2003, pp. 200-204), e particularmente frequente em meios recém-romanizados. Pelo tipo de letra utilizado (monumental quadrado) e pelas características textuais – ausência de invocação dos deuses Manes e aparente simplicidade da estrutura textual, é-lhe atribuída uma cronologia do séc. I d.C. (ENCARNAÇÃO, 1984, vol. II, pp. 535).

Das 41 sepulturas atribuídas à necrópole da Rouca, apenas se encontra devidamente identificado espólio proveniente de 29 sepulturas. Da totalidade dos conjuntos funerários analisados, 21 deles ter-se-ão revelado potencialmente datáveis em função dos materiais disponíveis. Dezassete dos conjuntos analisados forneceram cerâmicas finas e/ou vidros, enquanto para 8 dos conjuntos funerários apenas se conhece a atribuição de espólio metálico, material orgânico e/ou lítico. Da análise dos conjuntos funerários da Rouca resultou a constatação de dois momentos fundamentais de utilização da necrópole: um primeiro momento, compreendido, grosso modo, entre a segunda metade do séc. I d.C. e os inícios/meados do séc. II d.C., representado pela maioria dos enterramentos documentados (considerando-se que os enterramentos mais antigos parecem corresponder às sepulturas 17 e 29); e um segundo momento, datável do séc. III d.C., e eventualmente extensível a inícios do séc. IV d.C., documentado pela presença de *sigillata* clara em três dos conjuntos estudados (sepulturas 6, 30, e 34). A assinalável descontinuidade evidenciada pelo espólio dos conjuntos funerários sugere a possibilidade de existirem momentos distintos de enterramentos na Rouca, aparentemente entremeados por uma fase sem registo de deposições. Todavia, e tendo em conta que, à luz dos dados conhecidos, não é possível avaliar se a necrópole

terá ou não sido integralmente escavada, não podemos deixar de colocar também a hipótese de uma longa continuidade na utilização deste espaço sepulcral, conforme poderiam deixar antever os conjuntos funerários das sepulturas 3 e 32, aparentemente associados a cronologias do séc. II d.C., e da segunda metade do séc. I a meados do séc. III d.C., respectivamente. De entre os conjuntos funerários da Rouca, destacam-se as sepulturas 4 (33 itens), 15 (22 itens), 14 (18 itens), 29 (15 itens), e 33 (10 itens), não só por corresponderem aos contextos que terão fornecido maior quantidade de espólio, mas também porque, de um modo geral, forneceram os materiais mais representativos e remetem-nos para algumas das cronologias mais altas documentadas para o uso deste espaço funerário – segunda metade/último quartel do séc. I d.C. até finais do séc. I ou inícios do séc. II d.C.. Os conjuntos funerários mais tardios, associados a cronologias do séc. III/ IV d.C., são compostos, no máximo, por 6 itens; enquanto as restantes sepulturas da Rouca terão fornecido, em média, 2 a 5 itens.

Atendendo às características da amostra estudada, e em função dos dados disponíveis, parece resultar igualmente evidente a constatação do enquadramento da necrópole da Rouca no panorama arqueológico do mundo funerário romano conhecido para o actual território Alto Alentejano, bem como a percepção do elevado grau de assimilação dos comportamentos e hábitos culturais romanos por parte da comunidade que terá utilizado este espaço funerário, realidade à qual não terá certamente sido alheia a proximidade geográfica em relação à então capital de província *Augusta Emerita*. Esta assimilação está bem patente na cultura material e hábitos epigráficos desta população, testemunhos de um contexto de plena romanização, ainda que, e conforme reflecte a amostra de cerâmica comum estudada, indelevelmente marcado pela perenidade do substrato indígena.

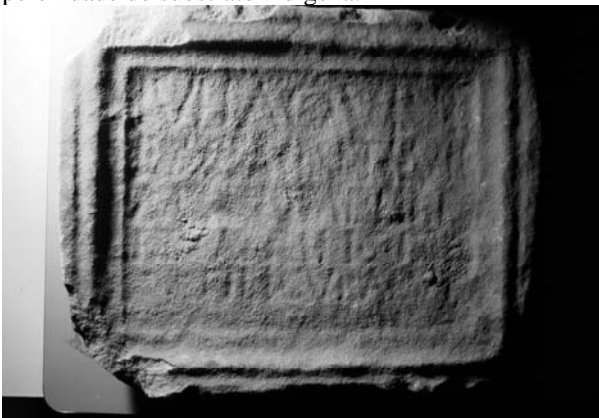


Figura 12 - Placa funerária epigrafada atribuída à necrópole da Rouca - MNA E 6338. (Foto Arquivo MNA)

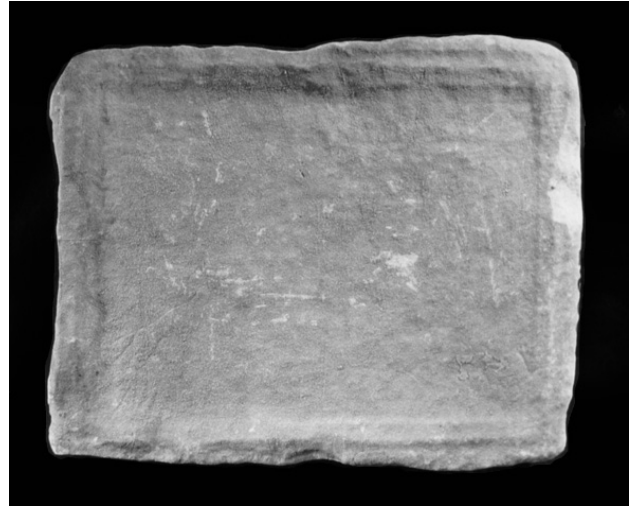


Figura 13 - Placa anepígrafa atribuída à necrópole da Rouca - MNA E 6339. (Foto Arquivo MNA)

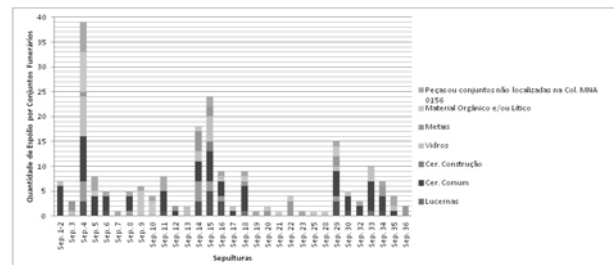


Gráfico 3 - Distribuição do espólio da necrópole da Rouca por contextos de sepultura.

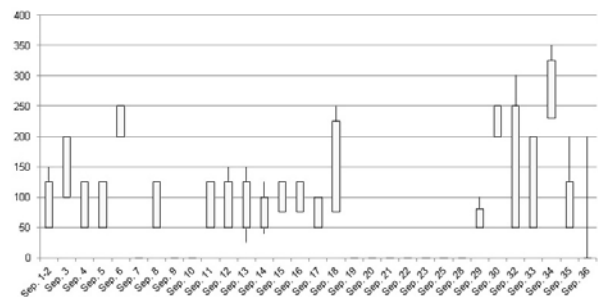


Gráfico 4 - Cronologias propostas para os contextos funerários da Rouca.

Fontes citadas e Bibliografia

Acervo Documental do Museu Nacional de Arqueologia – Legado Pessoal de J. Leite de Vasconcellos.
Acervo Documental do Museu Nacional de Arqueologia – *Relatório dos trabalhos realizados pela bolseira do Instituto de Alta Cultura pelo Centro de História e Arqueologia, M^a Alice Mourisca Beaumont, em 1958.*

ALARCÃO, J. (1975) – Bouteilles carrées au fond décoré du Portugal romain. *Journal of Glass Studies*. New York. XVII, pp. 47-53.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1967) – Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa. *Conímbriga*. Coimbra. V, pp. 2-31.

ALARCÃO, J.; DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1976) – *Fouilles de*

- Conímbriga, Vol. VI: Céramiques diverses et verres*. Paris: Diffusion de Boccard.
- CALADO, M. (1993) – *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal do Alandroal.
- CALADO, M. (2001) – *Da Serra d'Ossa ao Guadiana, Um estudo de pré-história regional. Trabalhos de Arqueologia 19*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CALDERA DE CASTRO, P. (1983) – El vidrio romano emeritense. *Augusta Emerita I. Excavaciones Arqueológicas en España*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 11-80.
- CHAVES, L. (1914) – Aquisições do Museu Etnológico Português em 1913. *O Archeologo Português*. Lisboa. Iª série, XIX, pp. 367-371.
- CRUZ, M. (2009) – *O vidro romano no Noroeste peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. Braga.
- ENCARNAÇÃO, J. (1984) – *Inscrições romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- ENCARNAÇÃO, J. (1995) – Roma e as primeiras culturas epigráficas da Lusitânia Ocidental. In BELTRÁN LLORIS, F., ed. – *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico», pp. 255-265.
- ENCARNAÇÃO, J. (1998) – *Estudos sobre epigrafia*. Coimbra: Minerva.
- FRADE, H.; CAETANO, J. C. (2004) – Ritos Funerários Romanos. In MEDINA, J., ed. – *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube. Vol. III, pp. 143-159.
- ISINGS, C. (1957) – *Roman Glass from dated finds*. Gronigen: J. B. Wolters.
- MACHADO, L. S. (1920) – Aquisições do Museu Etnológico Português. *O Archeologo Português*. Lisboa. Iª série, XXIV, pp. 241-270.
- MACHADO, L. S. (1964) – Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Lisboa. *O Archeologo Português*. IIª série, V, pp. 51-448.
- MAYET, F. (1975) – *Les Céramiques à parois fines de la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Boccard.
- MAYET, F. (1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: Publications du Centre Pierre Paris.
- NAVARRO CABALLERO, M.; RAMIREZ SABADA, J. L. (2003) – *Atlas Antroponímico de la Lusitânia Romana*. Mérida-Bordéus: Fundación de Estudios Romanos, Ausonius (Institut de Recherche sur l'Antiquité et le Moyen Age).
- NOLEN, J. (1985) – *Cerâmica comum de necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. (1995-1997) – Acerca da cronologia da cerâmica comum das necrópoles do Alto Alentejo: novos elementos”. *O Archeólogo Português*. Lisboa. IV série, 13/15, pp. 347-392.
- PINTO, I. V. (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora – Coleção Teses.
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I., coords. (1999) – *Terra Sigillata Hispánica. Centros de fabricación y producciones altoimperiales. Homenaje a M. Ángeles Mezquíriz*. Jaén e Málaga: Universidad de Jaén/ Universidad de Málaga.
- ROCA ROUMENS, M.; FERNÁNDEZ GARCÍA, M. I. (2005) – *Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia*. Málaga: Universidad de Málaga.
- RODRÍGUEZ MARTÍN, F. G. (2002) – *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano. Monografías Emeritenses 7*. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, Secretaría de Estado de Cultura, Secretaría General Técnica, Subdirección General de Información Y Publicaciones.
- VASCONCELLOS, J. L. (1913) – *Religiões da Lusitânia*. Vol. III. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- VASCONCELLOS, J. L. (1915) – *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VASCONCELLOS, J. L. (1927) – *De terra em terra, excursões arqueológico-etnográficas*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VIEGAS, J. R.; NOLEN, J. U. S.; DIAS, M. F. (1981) – A necrópole de Santo André. *Conímbriga*. Coimbra. XX, pp. 5-180.